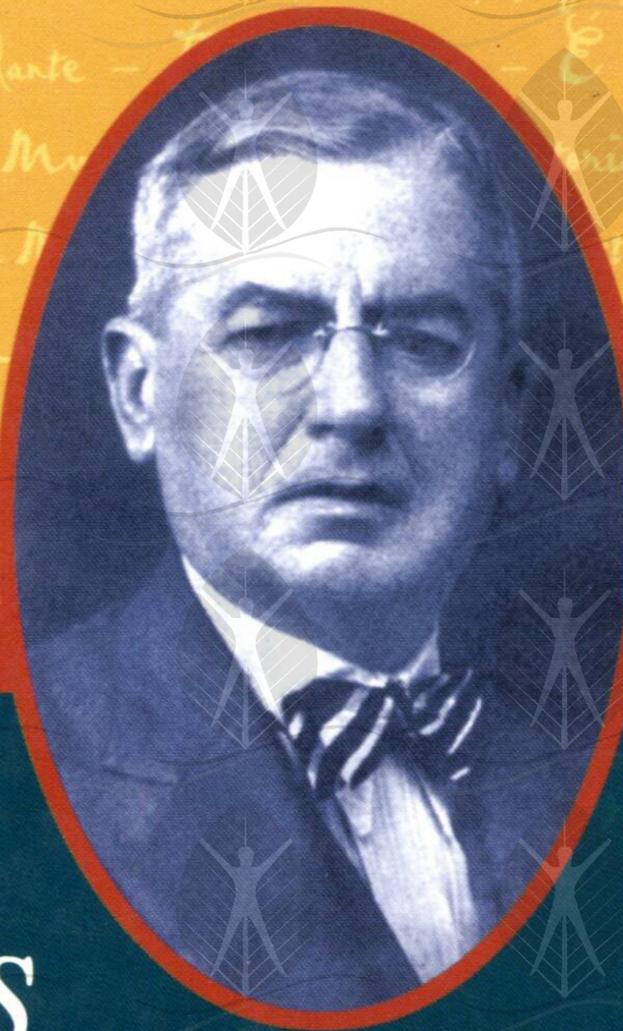


RAYMUNDO MORAES



Notas dum jornalista

Fac-similado

CULTURA



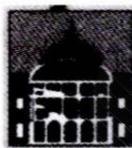
Edições
Govern do Estado

RAYMUNDO MORAES

Notas dum Jornalista



Fac-similado



Edições Governo do Estado

Manaus - 2001

Copyright 2001 Governo do Estado do Amazonas

Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto

Acompanhamento Editorial: Editora da Universidade do Amazonas - EDUA

Editoração Eletrônica: Lídia Santos da Silva

Revisão: Alcides Werk

Moraes, Raymundo

Notas dum Jornalista / Raymundo Moraes. (Fac-similado) Manaus: Edições Goveno do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

189 p.

1. Amazônia - História I. Título

CDD 981.2

CDU 981(811.31)

Apresentação

A literatura amazônica está recheada de estudiosos e analistas. Há, aqui e ali, os que realmente merecem os títulos que ostentam e as obras que produziram estão perpetuadas. Raymundo Moraes é dos que deixaram obras que merecem ser republicadas nas Edições Governo do Estado do Amazonas para análise dos que chegam nos dias que correm.

Paraense, nascido em 1875, foi jornalista de embates políticos os mais ferrenhos na terra do nascimento, sendo preso, atacado, processado, ferido e, tendo chegado às últimas conseqüências contra um cidadão que o atacara, foi processado e impronunciado.

Em Manaus, para onde se transferiu logo depois, fez jornalismo, ocupou cargos públicos, combateu ativamente, mas sobretudo conseguiu produzir os livros que legaria à posteridade. Sua paixão pela Amazônia foi exacerbada, construída naturalmente nas longas e quase intermináveis viagens que fazia, como marítimo, nos gaiolas pelo interior da floresta verde, vendo e ouvindo estórias, parando em portos para abastecimento de madeira, recolhendo as conversas que, noite adentro, no convés, ficavam a contar os ribeirinhos.

Este livro *Notas dum Jornalista*, lançado em Manaus em agosto de 1924, é o primeiro trabalho em forma de livro de uma longa safra, que, animado pelo sucesso, estimulado pelo seu próprio espírito firme nos combates, saiu a escrever, mais de uma dúzia de títulos que ornaram as estantes de bibliófilos. Mas era fundamentalmente um jornalista. Neste trabalho fala da ilha de Marajó, procurando explicar a sua movimentação conhecida; da batalha naval de Riachuelo, que ainda agora é festejada na Marinha, e o faz como cronista e marinheiro, procurando descrever o cenário da luta e as

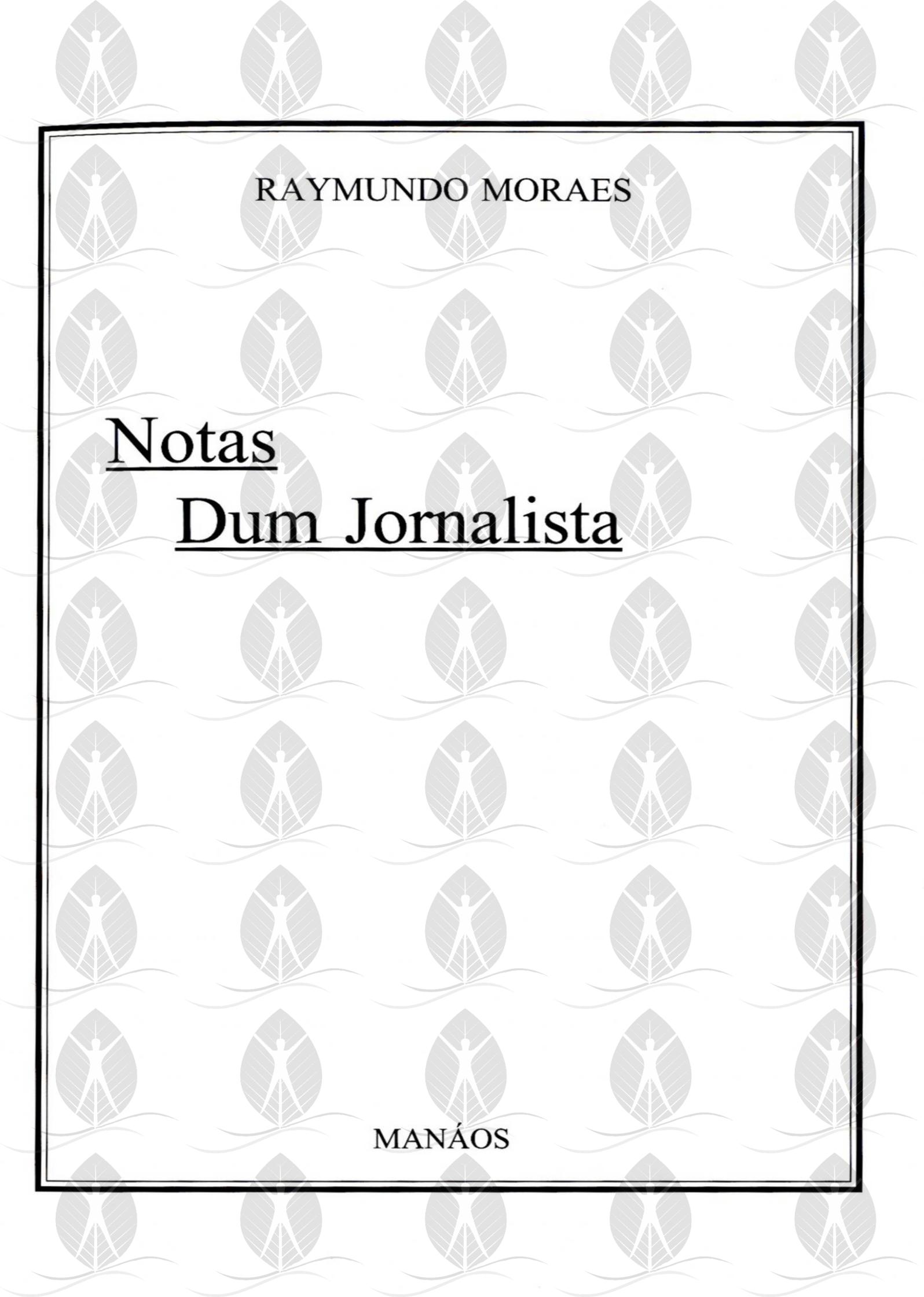
condições dos navios de guerra; cuida da exímia bailarina Ana Pavlowa, que era capaz de arrastar o espectador pela estrada do sonho, como ele mesmo assinala a certa altura da sua crônica; das suas intermináveis leituras da *Ceia dos Cardeais* e o primoroso Júlio Dantas; as rendas paraenses em comparação com as rendeiras do Ceará, enfim, de tudo vai tratando com notas que revigoram o texto e o enriquecem.

Mas os seus temas preferidos voltam sempre à cena: as águas, as florestas, os igapós, a magia da região amazônica, porque aquilo tudo exerce sobre o autor um fascínio tal que não pôde ele, em nenhuma de suas obras, deixar de ceder lugar às descrições detalhadas do mundo das águas. Trata até da história do rio Amazonas, e dos encantos do rio Tocantins. E mesmo quando ingressa no mundo biográfico, ao tratar de Flexa Ribeiro, a quem festeja com singularidade, faz das imagens amazônicas o pano de fundo do texto que orna a trajetória daquele intelectual.

E como jornalista — e aquelas eram mesmo as notas do profissional, cuidou da história mais remota da imprensa no mundo, de Roma a França, concluindo por ressaltar que a folha de imprensa de Victor Emanuel III publicou de tudo, até mesmo as verdades. E quando desce à crítica literária, cuida de Ronald de Carvalho e dos núcleos intelectuais que se formavam em vários Estados naqueles anos. Quase incomunicáveis, eram ilhas de conhecimento e arte.

Vai agora ser obra de apreciação dos mais jovens, dos que chegam sedentos, desejando conhecer os escritores da Amazônia.

Robério Braga

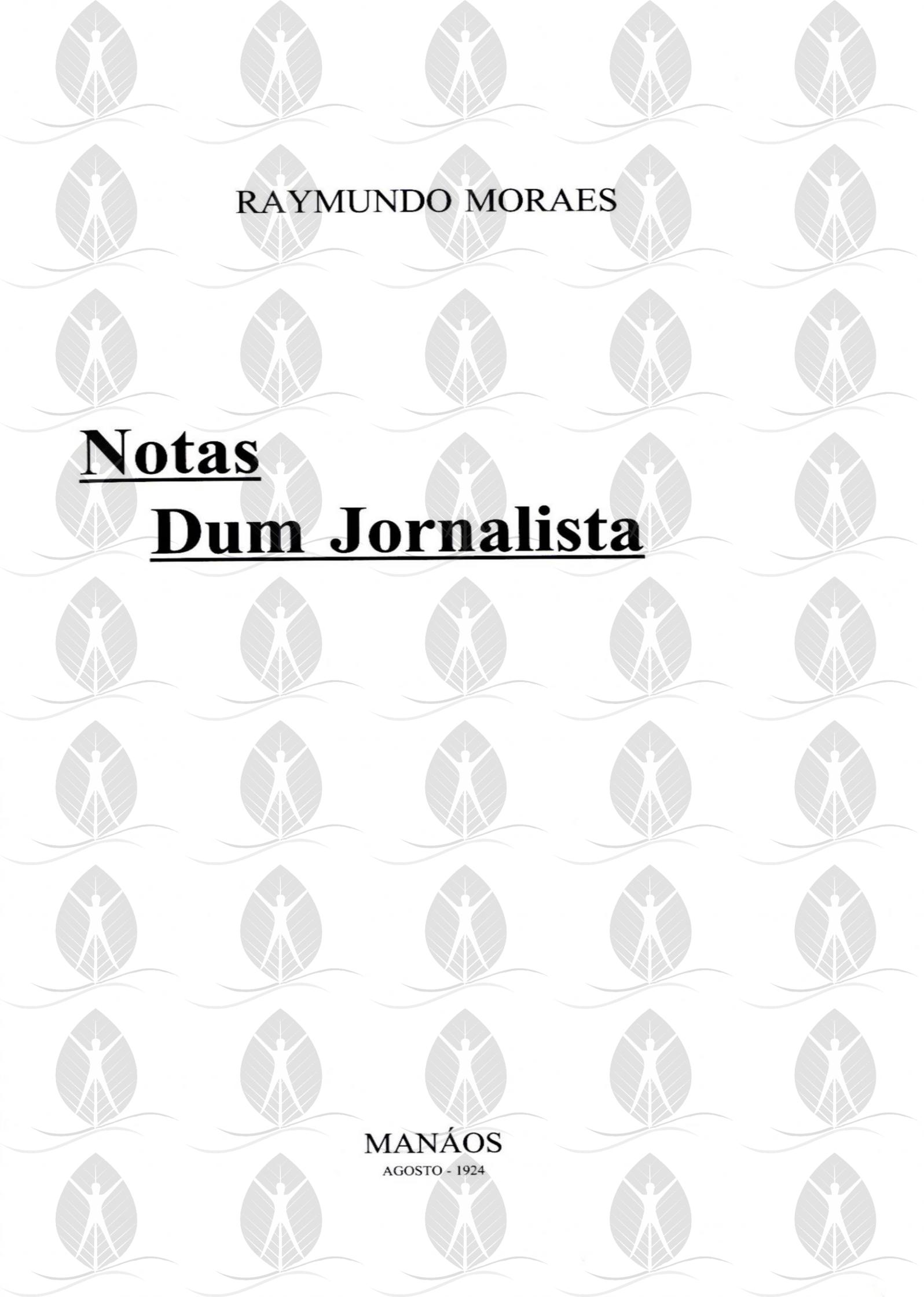
The background of the entire page is a repeating pattern of stylized, light gray leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised in a 'V' shape. The leaves are arranged in a grid, with wavy lines separating the rows.

RAYMUNDO MORAES

Notas

Dum Jornalista

MANÁOS



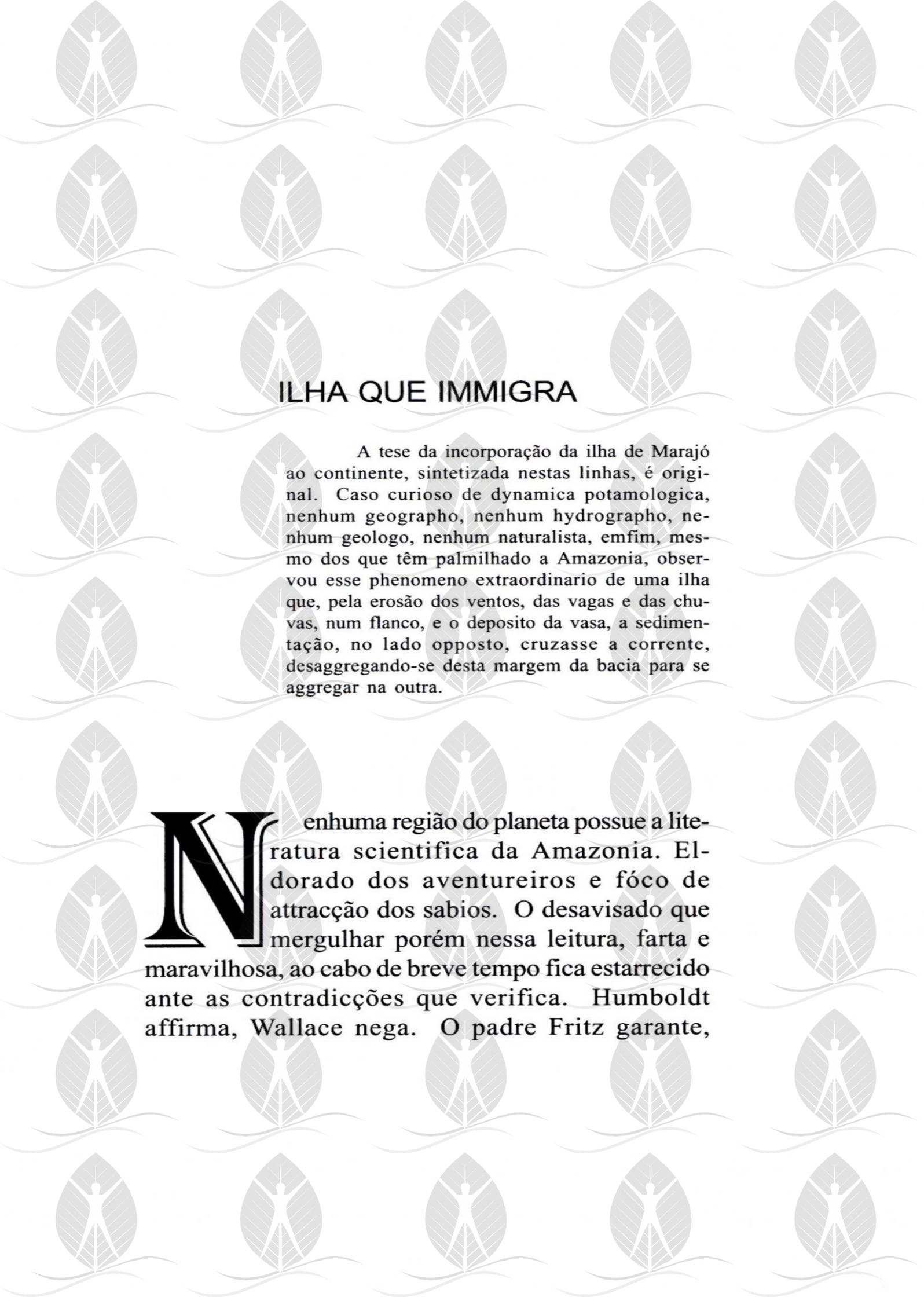
RAYMUNDO MORAES

Notas

Dum Jornalista

MANÁOS

AGOSTO - 1924



ILHA QUE IMMIGRA

A tese da incorporação da ilha de Marajó ao continente, sintetizada nestas linhas, é original. Caso curioso de dynamica potamologica, nenhum geographo, nenhum hydrographo, nenhum geologo, nenhum naturalista, emfim, mesmo dos que têm palmilhado a Amazonia, observou esse phenomeno extraordinario de uma ilha que, pela erosão dos ventos, das vagas e das chuvas, num flanco, e o deposito da vasa, a sedimentação, no lado opposto, cruzasse a corrente, desaggregando-se desta margem da bacia para se aggregar na outra.

Nenhuma região do planeta possui a literatura científica da Amazonia. Eldorado dos aventureiros e foco de atracção dos sabios. O desavisado que mergulhar porém nessa leitura, farta e maravilhosa, ao cabo de breve tempo fica estarecido ante as contradicções que verifica. Humboldt affirma, Wallace nega. O padre Fritz garante,

Coudreau contesta. La Condamine assevera, Maury discute. E' um verdadeiro labyrintho de opiniões, no qual sómente se penetra, seguro, guiado pelo fio de Ariadne do conhecimento directo, observado *in loco*, de fórma a distinguir quando o geographo erra e o botanico acerta. O naturalista tem que ser policiado pelo curioso. A ilha de Marajó, quasi tão grande como Portugal, sempre foi objecto de varias pesquisas scientificas. A hydrographia, a botanica, a ethmographia, a paleontologia, a zoologia, a geologia, a anthropologia, e a propria historia politica do Norte, pelo estudo dos especialistas, não transpõem a embocadura do Amazonas sem fixar, demoradamente, nos mais vivos traços, o antigo habitat dos nheengahibas. Tem esse rincão o destaque dum baluarte que vigiasse. á borda do oceano, o movimento transformador da natureza através dos astros e dos vermes, das correntes maritimas e aéreas, das linhas isothermica e equinoccial, afim de o communicar a todo o valle. É o palimpsesto medievo que, estendido na gleba marajoára, regista pelas manchas topographicas, pelos frisos d'água, pela variedade vegetal, pelo arrepio atmospherico, o trabalho que se realizou hontem, que se realiza hoje, que se realizará amanhã. A geologia, na clarividencia exu-



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**